

[Notícia anterior](#)[Próxima notícia](#)

17 mar 2017 | O Globo | GABRIELA GOULART gab@oglobo.com.br

Paciente critica falta de informação

‘Não tinha noção da gravidade do que acontecia dentro de mim’, diz morador de Casimiro de Abreu

Alessandro Valença tem 37 anos, um filho de 3 e um outro a caminho — sua mulher está grávida de sete meses. Nascido e criado em Casimiro de Abreu, mora com a família no que se pode chamar de pedaço do paraíso: cercado pelo verde da mata e a cinco minutos da Cachoeira do Pai João, na localidade de Córrego da Luz, distante dez quilômetros do Centro. Funcionário da Secretaria de Saúde da prefeitura de Macaé, trabalha numa UPA. Sua rotina consiste em plantões às segundas e terças-feiras e cuidados com o filho no restante do tempo, já que a mulher trabalha em Petrópolis durante a semana. Tudo seguia dentro da normalidade até o último dia 3, quando ele começou a sentir dores no corpo e de cabeça. Dores suportáveis, mas que se mostravam resistentes a analgésicos. Depois, vieram enjoo e vômitos.



ANTONIO SCORZA

Preocupação. Integrantes da Guarda Ambiental do Ministério da Saúde inspecionam mata em Casimiro de Abreu

— Parecia um resfriado comum. Eu não tinha noção da gravidade do que acontecia dentro de mim — contou Alessandro, que está internado no Hospital dos Servidores do Estado (HSE) e, de acordo com a Secretaria estadual de Saúde, tem febre amarela. **DEMORA NO DIAGNÓSTICO** No último domingo, Alessandro decidiu, diante dos sintomas intermitentes, ir até o hospital municipal de Casimiro de Abreu. Foi examinado, e amostras de sangue indicaram baixa quantidade de plaquetas. Foi orientado a voltar dois dias depois para acompanhamento, caso não melhorasse. Ele não melhorou, e passou a apresentar urina “cor de chá”. Na volta ao hospital, novos exames apontaram baixa de leucócitos e alteração nas taxas do fígado. Alessandro ficou internado. Hipóteses dos médicos: virose, dengue, hepatite A e leptospirose. A situação permaneceu inalterada —

a dele e a do diagnóstico definitivo — até que uma prima, que trabalha no Corpo de Bombeiros de Casimiro, disparou o alerta sobre a possibilidade de febre amarela. Ela tinha participado do atendimento a Wátala Santos, vizinho de Alessandro que apresentava os mesmos sintomas e morreu no último sábado, no hospital da cidade.

A partir da mobilização dela, que insistiu na transferência do primo para uma unidade de saúde com UTI, Alessandro conseguiu uma vaga no HSE. De acordo com a Secretaria estadual de Saúde, laudos de exames comprovam que Wátala morreu em decorrência da febre amarela e que Alessandro contraiu a mesma doença. Mas, até ontem, ele não havia sido oficialmente informado sobre seu caso.

— Estou indignado com a forma como a minha condição chegou ao público. Houve um telefonema comunicando o resultado do meu exame ao hospital, mas ninguém falou comigo ou com a equipe médica. Ninguém nos mostrou um laudo oficial. Esse comportamento por parte das autoridades ofendeu a mim e aos médicos. Foi algo muito antiético e desrespeitoso a divulgação dos meus exames de forma tão atabalhoada. Nenhum secretário de Saúde, prefeito ou governador cuidou de mim. Quem cuidou de mim foram os médicos e os enfermeiros do HSE. Excelentes profissionais, aliás — criticou ele.

Alessandro está bem. Ele e os médicos consideram que o pior já passou e que a doença foi superada:

— Os primeiros cinco dias são os mais críticos. O grande perigo era ter sangramento, falência de órgãos e infecções. Agora, segundo os médicos, minhas taxas estão se normalizando. Mas a atividade do meu fígado chegou a aumentar em 3 mil por cento. Os médicos falaram que meu fígado é muito forte. VONTADE DE VOLTAR PARA CASA A data de saída do hospital ainda não está definida. Assim que acontecer, Alessandro pretende voltar para Córrego da Luz e retomar a rotina que, segundo ele, em nenhum momento foi alterada antes de surgirem os sintomas:

— Não fiz nada diferente. Tudo indica que há um foco na região onde moro. Durante esse período de recuperação, não tomei qualquer remédio. Somente soro. Não existe remédio para essa doença. O remédio está dentro do nosso corpo. Só que cada corpo reage de um jeito.

Ele demonstrou preocupação com a mulher, que não pode tomar a vacina por estar grávida:

— Soube que o fumacê já passou pela região. Vamos usar repelente, botar telas nas janelas, ficar mais dentro de casa e ligar o ar-condicionado.

Mas Alessandro também tem planos para aproveitar mais a vida:

— Quero fazer algo melhor, já que tive essa segunda chance.

Impresso e distribuído por NewspaperDirect | www.newspaperdirect.com, EUA/Can: 1.877.980.4040, Intern: 800.6364.6364 | Copyright protegido pelas leis vigentes.

[Notícia anterior](#)

[Próxima notícia](#)